



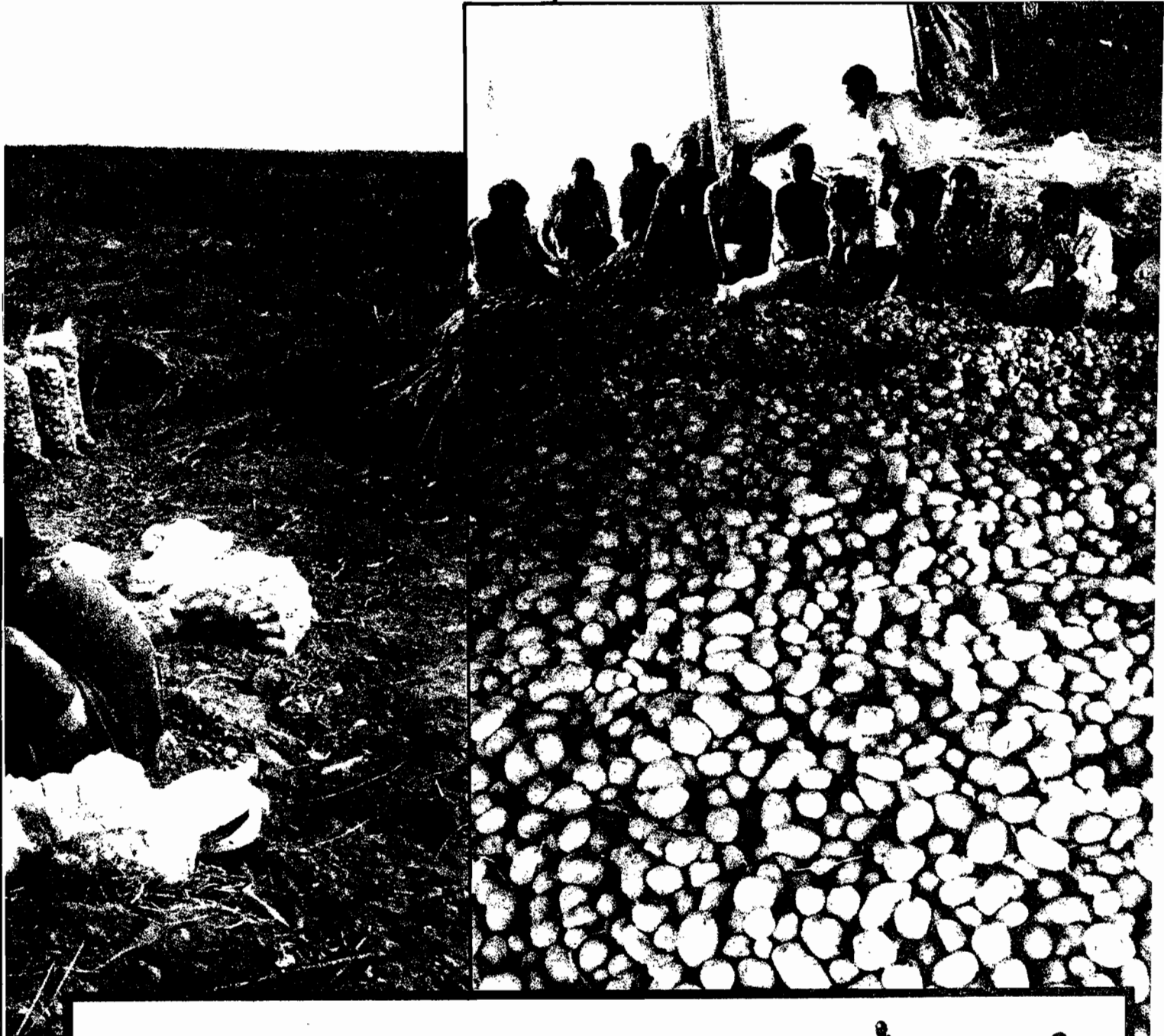
**CAIA**

# Reerguer o celeiro

O Complexo Agro-Industrial de Angónia, que já foi capaz de produzir 15 mil toneladas de milho (81/82) quedou-se, na última campanha, numa modesta tonelada e meia.

Os números são o espelho dos prejuízos causados por dois anos de, primeiro, má gestão e, já no último ano, de pura ausência desta. Da mesma maneira que os números que respeitam às estimativas de produção deste ano poderão vir a testemunhar a seriedade posta no trabalho pela nova direcção, em exercício desde finais de 1983.

Texto de Fernando Manuel • Fotos de Kok Nam



Deverá, por esta altura, estar a terminar a campanha de colheita de batata no Complexo Agro-Industrial de Angónia — CAIA. Iniciada em Abril, os seus resultados servirão como o primeiro teste do trabalho que vem sendo desenvolvido pela nova equipa da direcção, que começou efectivamente a funcionar no mês de Agosto de 1983.

Nomeada por Despacho Presidencial, numa das medidas tomadas em satisfação das orientações do IV Congresso, a actual direcção ia ter como campo de actuação uma empresa «espalhada» um pouco por todo o distrito de Angónia, sacudida por um longo período em que sobrevivera sem ninguém a comandar os seus destinos. A colheita em curso decorre nas três Unidades de Produção do CAIA: as do Dómuè, Moniqueira e Matiassa, a um ritmo de «trezentos e sessenta quilos por trabalhador ao dia» segundo meta imposta em toda a empresa e rigorosamente controlada pelos diversos chefes de blocos.

A disciplina que se tem vindo a implantar na realização das actividades deste complexo revela-se indispensável para a garantia da produção agrícola, que está sujeita aos obstáculos mais diversos. No centro destes, a falta de combustível, levada ao extremo pela inoperacionalidade da liga-



Milho: por falta de diesel....

ção com a capital provincial, Tete — ela própria cada vez mais distante da saída da Beira — pela acção dos bandidos armados.

Nestas condições, as primeiras sementeiras feitas sob a nova direcção, iniciadas em finais do ano passado, foram uma odisséia. A da Unidade de Produção do Dómuè é-nos contada por Adriano Sixpence, para quem este trabalho constituiu **problema muito sério**. Nomeado director da UP no quadro de uma movimentação mais geral encetada pela nova direcção da empresa, Sixpence completa a sua afirmação afirmando

que, do casamento entre a falta de combustível e da mão-de-obra resultou que **ficássemos sem saída**.

#### DESAFIANDO O CAPIM

Para não ficarmos de braços cruzados, explicou-nos, e como já tivéssemos a terra lavrada — só faltava **g r a d a r** — decidimos **semeiar manualmente**. A solução, segundo nos informou, foi acordada em conjunto com os 300 trabalhadores efectivos da unidade. Continuava-se porém a colocar a questão de suprir a falta de trabalhadores para realizar a sementeira nos limites que o calendário agrícola impõe, o que normalmente se consegue recorrendo aos trabalhadores sazonais.

Camponeses, estes tinham no entanto a necessidade de prestar a atenção devida às suas machambas. O facto de a UP, contrariamente ao que seria ideal, não dispor de bens de abastecimento a fornecer em contrapartida a esta classe de trabalhadores, fez com que a sua afluência ao trabalho se registasse muito abaixo dos níveis desejados. **Tivemos a ideia de fabricar môa** — bebida fermentada a partir do milho — **que era distribuída ao fim de cada dia**. Mas o resultado não foi bom.

Útil foi a participação dos estudantes da Escola Secundária de Lifidzi, a cerca de uma hora de viagem de carro para a sede, que participaram a um ritmo de **cem a cento e cinquenta alunos por dia**, solucionando, da sua parte, o



Batata: «esperamos colher 2400 toneladas, no mínimo, nos duzentos hectares da 1.ª época»  
Arnaldo Ribeiro



... mais de três mil hectares foram semeados manualmente

problema das actividades de férias. Fora isto, mais importante para a escola foi sem dúvida o facto de ter acordado com a unidade o pagamento da colaboração prestada em farinha de milho. Eles tinham o problema da falta de comida, explica Adriano Sixpence.

Foram, assim, semeados 39 hectares de batata e 638 de milho.

A explicação da disparidade entre as áreas semeadas de um e outro destes produtos é-nos fornecida pelo director da Unidade de Produção de Dómuè, revelando que a batata é uma cultura mais exigente, o que impede que a sua sementeira se possa processar de modo pouco ortodoxo. O que não foi o caso do milho, a maior par-



Partida para Tete: as dificuldades de ligação por estrada....

te de cuja semente foi lançada entre o capim.

#### COMBUSTÍVEL: UM QUEBRA-CABEÇAS

O quadro é comum a todas as unidades de produção. Tivemos que tomar essa decisão — revelou-nos Arnaldo Ribeiro, Director do complexo, para não permitir que morresse gente de fome sem termos esgotado todos os nossos recursos. Sobre o que poderá valer uma razão como esta, é oportuno observar que os efeitos da fome provocada pela seca nos distritos do sul da província de Tete foram agravados pela baixíssima produção deste «celeiro», na esteira da já aqui referida crise de di-

recção porque passou nos últimos dois anos.

**Fechámos todas as secções** — conta Arnaldo Ribeiro, que distribuiu escriturários, contabilistas, trabalhadores da loja e das oficinas — pelas brigadas de trabalho que todos os dias participavam na sementeira, das cinco da manhã até por volta das treze.

Referindo-se ao combustível, o Director do Complexo Agro-Industrial de Angónia informa que as nossas necessidades de diesel são de 110 mil litros mensais. Em Junho haviam sido recebidos 45 mil e de lá até cá receberam mais dois fornecimentos, um em Novembro e dois em Maio, num total aproximado de cem mil litros.

Ou seja, nem sequer um terço



Adriano Sixpence: «a sementeira foi um problema muito sério»

das nossas necessidades mensais. Do trabalho feito nestas condições esperamos, só nos duzentos hectares da primeira época, colher 2400 toneladas no mínimo de batata. A estes duzentos hectares iniciais acrescentam-se mais 101 da 2.ª época, sendo que, segundo números obtidos junto de todos os chefes de pelotão e directores de up's contactados durante a visita ao complexo, a média de rendimento por hectare é de 18 toneladas, com excepções que se situam, frequentemente, a níveis mais altos. Para o armazenamento da batata colhida, tem-se recorrido à construção de armazéns de pau-a-pique e pilhas encontradas no campo.



Quanto à colheita nos 4007 hectares de milho plantados em todo o CAIA, segundo Arnaldo Ribeiro, o sentimento é de optimismo. Optimismo que a confirmar-se, situa o cálculo do produto total em nove a dez mil toneladas este ano após a colheita, cujo início está

para fins de Julho. A ser assim, a produção desta campanha apresentará cerca de oito vezes mais a do ano passado, que foi de 1500 toneladas.

São resultados que não destoam, no panorama geral do ritmo de trabalho que se está a intro-

duzir no complexo. A participação dos alunos nas actividades produtivas desta empresa foi, em grande medida, garantida pela própria iniciativa dos directores das up's: «falámos com toda a gente» — afirmou-nos Adriano Sixpence.

## CHÁ DE MAPUTO

Na entrevista que nos concedeu, o Director Arnaldo Ribeiro pôs-nos a par da multiplicidade de acções que se tem vindo a desenvolver para além da mais importante, que é produzir situando-as ao nível da necessidade de reorganização dos serviços administrativos, oficinas, de transporte, abastecimento e alojamento: quando aqui cheguei, ilustra, não havia uma noite que se não apanhasse um ladrão. Os roubos mais perniciosos eram — em certa medida continuam sendo — os perpetrados por quadrilhas que numa noite aliviavam o complexo de dois, três tambores de diesel.

Diesel que, afinal, nos últimos tempos, chega ao CAIA ao preço de 53.00 MT o litro. Este preço resulta do encargo com o seu



... têm levado a soluções alternativas, como o contrato existente com a Força Aérea, que faz voos regulares a partir de Maputo e Beira

# DOS VINHOS E DAS AGUARDENTES

O CAIA produziu este ano mil litros de vinho, da uva colhida em 20 dos 50 hectares que integram o projecto da vinha deste complexo. «Foi um rendimento fraco» explica Joaquim Bamusse, chefe do bloco, indicando como causas, entre outras, as deficiências do sistema de rega — até o tempo demonstrar a inutilidade da atitude, esteve-se à espera de material importado — e ao facto de a instabilidade anterior da empresa ter votado o projecto ao abandono, quase à nascença, em 1981.

Em condições normais, um hectare tem um rendimento médio de vinte mil litros de vinho: «aqui» diz Joaquim Bamusse «é possível chegar a uma média de quinze mil litros». Sorri e convida: «multiplique isso pelos nossos 50 hectares» ...

Tais contas, porém, não são para fazer tão já. Verdadeiramente, o projecto só agora está a conhecer uma atenção mais séria: «no próximo ano pensamos conseguir vinte mil litros». Há o pormenor, igualmente, de que a indústria de vinho acarreta outras duas: a das garrafas e das rolhas. Até agora, as garrafas são da Vidreira e as rolhas importadas.

O vinho que se conseguiu este ano tem um baixo teor alcoólico, 7 graus, o que, para além de tudo «dificulta a sua conservação». Este vinho foi conseguido misturando, experimentalmente, as 13 variedades de uvas existentes no CAIA «para ver o que dava». Através dos resultados a que a variação da percentagem de cada variedade na mistura for conduzindo, espera-se vir a conseguir um produto que de vinho não tenha só a cor. Como o deve saber todo o bom apreciador de vinho, cada variedade de uva tem a sua função específica no fabrico do vinho: umas dão a cor, outras o sabor, outras ainda o grau de álcool e por aí em diante.

A superintendência deste projecto, que também integra o aproveitamento do bagaço para o fabrico de aguardente, está a cargo de um conhecedor, de nacionalidade portuguesa, José Bonifácio (Zé da Vinha para os colegas) cujo saber vem da prática: «nasceu em baixo de uma videira» resumem os colegas.

A propósito da aguardente, serve recordar que o CAIA também a faz de pêssego e ameixa, fruta que ocupa uma área de 59 hectares.



A Unidade de Produção do Dómuê foi a única do CAIA a receber ex-improdutivos, que foram evacuados da Cidade da Beira. Estes, em número de cinquenta e três, foram citados pelo Director desta UP, Adriano Sixpence, como tendo ajudado em muito a resolução do problema da mão-de-obra durante a sementeira do milho e da batata, altura em que chegaram.

Os ex-improdutivos, após um período inicial de desencontros na integração do esquema de trabalho, estão agora «mais em família» entre os restantes trabalhadores, perto de cujo bairro têm o seu acampamento.

No bloco de Chigumuquire, Fernando Languane, 27 anos, diz-nos que «foi difícil eu acostumar-me ao trabalho daqui. É muito duro». Na Beira, este vivia na Ponta Gêa e a sua ocupação «era vender fruta no bazar, ou outras pequenas coisas». Natural de Morrumbene, Fernando Languane informou-nos que se encontra ali com a esposa, que trabalha «na nossa machamba». O seu primeiro filho nasceu ali mesmo, em Dómuê.

«Na nossa machamba, embora tenhamos começado tarde conseguimos um pouco de feijão e milho. Isso alegra-nos porque agora a nossa comida depende de nós», e explica melhor: «quer dizer que nunca nos vai faltar».

transporte que, no quadro de um contrato com a FAM/Força Aérea de Moçambique, é fornecido através da Beira ou Maputo por via aérea, frete pago pelo complexo. O pagamento do frete, bastante oneroso, é feito apenas para parte

das horas do voo, pois a outra é dada por contrapartida pelo fornecimento de batata. Para além do diesel, estes voos têm servido para fazer chegar ao CAIA diversos outros artigos, desde o chá a peças sobressalentes.

O contrato é vantajoso para ambas as partes: da parte da empresa, porque vai aliviando os «stocks» de batata retida por falta de escoamento via estrada ao mesmo tempo que garante a batata à FAM. Em meados de Maio, o Director da Hortofrutícula de Nampula esteve na sede do CAIA para acertar pormenores de um acordo segundo o qual Nampula fornecerá partidas de sal contra o fornecimento de batata.

## O TESOURO

Sal em Angónia é ouro e este contrato poderá desempenhar um papel preponderante na próxima campanha de colheita de milho, para cujo andamento ideal se estimam necessários mil e duzentos trabalhadores por dia, número que, de outro modo, dificilmente se poderá conseguir.

Internamente, foi determinado este ano que nenhuma unidade de produção vai pedir comida à sede. O resultado é que em todas elas, era visita obrigatória — a convite local — a área da horta para autoconsumo dos trabalhadores. Nestas, produz-se ao longo

Existe um projecto de aumentar esta área em mais 80 hectares nos próximos três anos, com a entrada em funcionamento de uma pequena represa em Lijenga, com a capacidade de rega para 120 hectares.

F. M.



Vista geral de Lijenga, com a represa que permitirá a rega de 120 hectares, donde 80 serão para aumento do pomar

Ao lado: Vinho no CAIA; este ano foram produzidos mil litros





Bloco de Chirumba:  
«até fins de Maio,  
temos que concluir  
a colheita  
da batata»

de todo o ano. Da sede, apenas existe a obrigação do fornecimento de produtos como sal, sabão, óleo e farinha, obrigação aliás também a ressentir-se do «isolamento» de Angónia. A pecuária está a ser relançada, com a sua descentralização da UP de Moniqueira, donde se estão a enviar cabeças para as outras up's.

Para quem, como nós, conheceu o CAIA ano passado, no auge da crise, a melhoria nota-se desde o pormenor da tabuleta desenhando as «boas vindas», na arru-

## TER NOZES E NÃO TER DENTES

Angónia é um dos privilegiados distritos do norte de Tete onde «o que há demais é comida». As zonas férteis, contudo, não constituem a totalidade da área deste distrito, que tem as suas melhores terras nas regiões junto à fronteira com o Malawi. Obviamente, a maior parte dos seus noventa mil habitantes está concentrada na região de agricultura mais rendosa.

Os dados são-nos fornecidos pelo Director do CAIA, Arnaldo Ribeiro, que acrescenta ser, aí, a agricultura praticada em moldes intensivos desde a chegada dos nguni. Tudo isto para dizer que justamente esta região mais fértil, regularmente sujeita ao abate da sua cobertura vegetal, entrou já há anos num processo de erosão que é acelerado pela acção das chuvas, ajudadas pela configuração do terreno, em declives.

A solução para tal problema implica gastos enormes, em tempo e em dinheiro, muitos estudos prévios. Sem desprezar a eficiência destes, o que a população de Angónia tem vindo a fazer desde Janeiro deste ano é criar viveiros de eucaliptos e pinheiros, com o intuito de começar quanto antes o processo de reflorestamento.

Neste trabalho, as populações são enquadradas e por trabalhadores conhecedores, de quem recebem apoio. Estes trabalhadores fazem parte de uma rede de enquadreadores que, após um curso acelerado em Ulónguê, sede do distrito, desenvolvem junto dos camponeses um projecto do CAIA no sentido de incentivar a produção agrícola e pecuária no sector familiar.

Francisco Ben da Silva, de 25 anos e responsável pela área de influência de Metengobalame, que cobre com a ajuda de 76 enquadreadores, indica-nos que as primeiras acções que desenvolveram na sua zona foi explicar exactamente o tipo de trabalho que se pretendia fazer com as populações, chamando a atenção dos camponeses para os problemas que existiam e para os quais se podiam aplicar soluções locais.

«Por exemplo» destroca «explicámos às populações que não valia a pena esperar pelo adubo da cidade porque não temos fábricas no país. Depois explicámos como é que elas próprias podiam fabricar adubo orgânico». Durante esta mesma fase, nas áreas de influência, em número de cinco, trabalharam brigadas que procediam à medição das terras cultivadas pelo sector familiar, suas necessidades em instrumentos e produtos de troca, ao mesmo tempo que se encorajava a introdução de novas culturas, como o trigo e a batata-doce, para o que se distribuiu semente.

Este levantamento, pela exaustão, leva a cálculos de números relacionados com as cabeças de gado existentes, plantas existentes em viveiros de cada círculo para o reflorestamento, etc., como fez questão de o mostrar o responsável da área de Dómuê, que, entre outros, apontava cerca de seis mil cabeças de bovinos, oito mil de caprinos e três mil porcos, não escapando sequer o «número dos animais que os bandidos devoraram entre Janeiro e Março» que vai a cerca de 100 cabeças de gado e «mais de 200 galinhas».

A persistir, porém, o problema que existe

mação, catalogação e inventário dos produtos em todos os armazéns, na gradual recuperação do equipamento. Na sede da empresa erguem-se já algumas casas de tijolo e barro, no estilo tradicional melhorado, que integram um plano ambicioso na procura de dar ao trabalhador melhor casa.

Não só na sede aliás. Em todas as unidades de produção existem brigadas de construção para este efeito.

Sensatamente, porém, Arnaldo Ribeiro reconhece que **estamos apenas no princípio**, acenando com as 15 167 toneladas de milho que o complexo fez na campanha 1981/82. Em conversa com o Director Económico da empresa, este revelou-nos, por outro lado, que a empresa está a dever **dezenas de milhar de contos ao banco**.

Para além de não constituir o valor definitivo da dívida do CAIA — **a cada dia aparecem novas facturas** — a reposição deste valor

está ainda condicionada pelo desnível entre os custos de produção actuais — o caso do combustível não é único — em muito superiores ao preço a que a mercadoria é colocada no mercado.

O que interessa é começar, filosofava Carlos Carneiro, técnico português de agricultura e membro da direcção, radicado em Angónia há cerca de trinta anos, para quem o tesouro é **termos a cabeça e as mãos para trabalhar**.

□

actualmente em termos de produtos de abastecimento e produção às populações, entre elas enxadas, de pouco valerá este esforço. «Há tempos» afirma Arnaldo Ribeiro «chegaram enxadas. Só que eram de 900 gramas de peso e as que o camponês usa são as maiores, com dois quilos».

Um dos problemas que tem sido bem resolvido é o fornecimento de água para a rega das machambas, que os camponeses entenderam, após a mobilização, ser mais definitiva com a abertura de valas de rega por gravidade feitas pela e para a comunidade, do que por cada um isoladamente. A produção é ainda incentivada pela criação de bazares onde, duas vezes por semana, o camponês pode trocar os seus produtos, cujo transporte lhe é garantido pelos enquadreadores, com a mediação com os proprietários das carroças. As carroças têm sido a grande alternativa para o problema de transporte a médias distâncias, existindo contratos de fornecimento destas pelos fabricantes privados.

Dizia-nos Guideon Eriza, camponês com um hectare de milho e «algumas latas de feijão»



Guideon Eriza:  
«o sal faz-me  
muita falta»



Sector familiar: desde princípios deste ano, com apoio mais efectivo do CAIA

que «se a situação se mantiver assim prefiro ir trocar os meus produtos no Malawi, para arranjar sal e petróleo». Esta é aliás uma situação que compromete o objectivo global do projecto de apoio ao pequeno produtor.

«Estamos a investir no enquadramento mas todo este esforço é para alimentar o Malawi» afirmou Arnaldo Ribeiro, citando o exemplo do feijão, com que o camponês paga a moagem do seu milho aos privados, que por sua vez o vão colocar no país vizinho a troco de «diesel».

Com os privados, o consenso é estabelecido «numa base comercial», a troco de apoio em combustível e adubos, este é «obrigado a vender ao Estado 60 por cento da sua produção». Para a próxima época de batata, por exemplo, o CAIA destinou duzentas das seiscentas toneladas de semente de batata que produziu «porque este ano não se vai importar semente» a distribuir pelos privados.

F. Manuel